MAGAZINE EUROPA **Catarina Domingues**
26 de Dezembro de 2017

I.

Na Catalunha, o *Ciudadanos* ganha eleições e independentistas têm maioria parlamentar. O líder separatista Carles Puigdemont diz que a república catalã derrotou a monarquia espanhola.

União Europeia acusa China de ser uma "economia distorcida" e adopta novas regras para se proteger contra as importações baratas. Pequim reage, diz que estes são "comentários negligentes".

E ainda neste Magazine Europa, a última edição de 2017, fazemos um balanço do ano com o nosso comentador Victor Ângelo.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa

O rei Felipe de Espanha apelou neste domingo ao Parlamento da Catalunha para abandonar o separatismo. O monarca advertiu que a Catalunha não pode retomar o caminho do confronto e da exclusão após as eleições da passada quinta-feira.

Felipe VI, Rei de Espanha
Espanha é hoje uma democracia madura, onde qualquer cidadão pode pensar, defender e contrastar livre e democraticamente as suas opiniões e suas ideias, mas não pôr as suas próprias ideias à frente dos direitos dos demais.

Nas eleições da semana passada, os partidos independentistas conquistaram a maioria absoluta no parlamento da Catalunha. As três forças que formam o anterior governo catalão, somam 70 lugares no parlamento. O *Junts per Catalunya* (Juntos pela Catalunha), de Carles Puigdemont, elegeu 34 deputados; a *Esquerda Republicana*, de Oriol Junqueras, 32 deputados, e a CUP 4 deputados.
A partir de Bruxelas, onde está exilado, o presidente deposto do governo regional, Carles Puigdemont, diz que a república catalã derrotou a monarquia espanhola.

Carles Puigdemont, Presidente deposto do governo regional da Catalunha
"A república catalã ganhou à monarquia do 155. Tomem bem nota, o estado espanhol foi derrotado. Rajoy e os seus aliados perderam

e levaram uma bofetada dos catalães. Perderam a legitimação que procuravam para o golpe de estado do 155.".

O partido que teve mais votos nas urnas foi o Ciudadanos. No entanto, juntos os partidos que são pla união com Espanha têm apenas 57 deputados. Inés Arrimadas, a líder do partido Ciudadanos, defende a união de Espanha.

Inês Arrimadas, líder Ciudadanos
A situação política na Catalunha não é aquela que quiseram vender ao mundo. A Catalunha é diversa, a Catalunha é plural, a Catalunha somos todos e a primeira força política no Parlamento chama-se Ciudadanos de Catalunha.

Connosco ao telefone, temos Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado em Bruxelas

Victor, começava por lhe perguntar, estes eram os resultados esperados. *Eu creio que não. Eu creio que ambos os lados pensavam que teriam uma vitória folgada e nomeadamente os constitucionalistas, quer dizer, aqueles que são pela unidade da Espanha. Eu penso que eles ficaram relativamente decepcionados com os resultados obtidos, sobretudo o Partido Socialista Obreiro Espanhol que estava à espera de um resultado muito mais expressivo do que o resultado que teve e também o facto de que o partido de Mariano Rajoy, o Partido Popular, diminuiu bastante o número de votos obtidos na Catalunha. O Parlamento regional continua a ser dominado maioritariamente por partidos a favor da independência da Catalunha.*

O que é que pode acontecer daqui para a frente?
Nós temos uma região completamente dividida ao meio, uma região cheia de tensões e emoções e neste momento a única receita possível seria a do diálogo e do bom senso. Mas eu penso que nem de um lado nem do outro há neste momento vontade para encetar um diálogo e para ir pela via do bom senso, ou seja, nós vamos ter uma situação sem solução durante algum tempo e é até provável que se não houver um novo governo da Catalunha dentro de dois ou três meses, até Abril de 2018, é provável que surjam novas eleições, que seja necessário realizar novas eleições. Tudo isto, para além de dividir a população, tem um impacto económico enorme sob a situação da economia catalã.

III.

A China deixou críticas à União Europeia, dizendo que esta fez "comentários negligentes" em relação a Pequim. Isto depois de Bruxelas ter adoptado novas medidas para se proteger contra as importações excessivamente baratas da China, país que chamou de "economia distorcida".

MAGAZINE EUROPA **Catarina Domingues**
26 de Dezembro de 2017

Bruxelas nomeou a China como o primeiro país a violar as novas regras europeias antidumping, que entraram em vigor recentemente.
"Pedimos que a União Europeia respeite rigorosamente as regras da Organização Mundial do Comércio e evite abusar de medidas comerciais", reagiu Hua Chunying, porta voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, admitindo que Pequim vai tomar as medidas necessárias para proteger os seus direitos.

Victor, Que impacto pode ter este episódio na relação entre UE e China, económica mas também politicamente?
Pode ter um impacto importante. A verdade é que existe neste momento ao nível da liderança europeia a convicção profunda que é preciso defender as empresas e o emprego europeu. E também existe a convicção de que a maneira como a China faz comércio internacional e a maneira como a China faz dumping de produtos produzidos na China isso põe em causa as economias, as empresas e os empregos na Europa, ou seja os dirigentes europeus têm de ser vistos pelos cidadãos do espaço europeu como estando a defender as economias europeias e o emprego da Europa. Isto evidentemente vai ter algum impacto na maneira como o relacionamento comercial com a China vai ser desenvolvido e, por outro lado, também vai ter impacto ao nível político. A verdade é que os europeus aproveitaram os argumentos do governo chinês para declarar a China como sendo uma economia controlada pelo estado. Os europeus dizem que se trata de uma economia de um país socialista, ou seja, uma economia em que os meios de produção estão controlados pelo poder político e pelo Estado, não é reconhecida na Europa neste momento como uma economia de mercado. Todos os dirigentes políticos europeus pensam que as empresas chinesas beneficiam de um tratamento político e isso evidentemente dá-lhes argumentos para criar algumas barreiras à continuação da penetração económica chinesa no espaço europeu.

<u>E como pode a União Europeia lidar então com um parceiro como Pequim, que é um parceiro bastante competitivo?</u>
Primeiro é preciso ver quais são as áreas onde há grandes dificuldades no relacionamento. Essas áreas têm a ver com o alumínio, com o aço, com os produtos químicos, com os materiais de construção, sobretudo, e também com a compra por parte de investidores chineses de empresas estratégicas europeias. Estas coisas têm que ser negociadas uma à uma, peça à peça, ou seja, terá de se discutir a questão do aço, terá que se discutir a questão do alumínio e todas as outras questões e também a questão do regulamento ou da regulamentação do investimento chinês na Europa. É evidente que, quer de um lado, quer do outro, se vai tentar obter o máximo, mas o normal é que estas negociações

tenham lugar e eu penso que, no futuro, quer um lado, quer o outro, precisam de manter um bom relacionamento e vão procurar encontrar uma solução de modo a que, por um lado, a economia europeia continue a beneficiar das vantagens que a produção de artigos chineses lhes traz, também vão continuar a tentar beneficiar dos investimentos, mas tudo isso com um enquadramento mais restritivo.

Victor, neste último programa do ano vamos um balanço de 2017. Antes de mais perguntava-lhe. Na sua opinião, que personalidade europeia se destacou mais este ano?
Eu penso que a personalidade europeia que mais se destacou ao longo de 2017 foi Emmanuel Macron, o presidente francês, por várias razões, pela maneira como ganhou as eleições, pelo que a eleição de Macron representa em termos de combate ao extremismo de direita e também pelo facto de que Macron representa uma nova maneira de ver as coisas, ou seja, uma geração muito mais jovem numa Europa que tem tendência a ser controlada por políticos velhos.

A voz de Macron, em comparação com Angela Merkel, por exemplo, já é ouvida na Europa, respeitada?
Ainda não, ainda não, até porque ele, na realidade, traz uma maneira de ver ainda muito inovadora, é uma geração mais jovem, também como eu disse, e vai encontrar obstáculos, evidentemente, por parte dos políticos tradicionais europeus. Mas a verdade é que a maneira, por exemplo, como neste momento a União Europeia está a tratar das questões políticas com a Polónia, essa maneira é muito influenciada pelo apoio que a União Europeia está a receber de Paris e nomeadamente do presidente Macron. Ou seja, nós começamos também já a notar ao nível das instituições europeias uma maneira muito mais assertiva de tratar as questões e provavelmente por eles saberem que uma pessoa como o presidente Macron está por detrás e os apoiará.

E agora um momento que tenha marcado a Europa no ano que está a acabar?
Um momento, eu penso que o momento mais importante foi o discurso do presidente (da Comissão Europeia, Jean-Claude) Juncker no Parlamento Europeu sobre o estado da Europa. E porque é que eu digo isso? Porque nesse discurso surgiu pela primeira vez uma visão extremamente optimista do futuro europeu depois de vários anos de crise. E eu saliento esse discurso, porque na realidade ele foi o culminar de uma mudança muito importante a que se assistiu em 2017, ou seja, a passagem de uma atitude pessimista, digamos assim, para uma visão muito positiva, uma visão muito optimista do que poderá ser o espaço europeu. Ou seja,

o ano de 2017 foi um ano de transição de uma visão de crise para uma visão de progresso e de optimismo e o discurso de Jean-Claude Juncker e, Setembro no Parlamento Europeu marcou, digamos assim, o ponto alto dessa transição.

Gostava também de recordar aqui alguns momentos: Temos por exemplo um crescimento da extrema-direita na Europa. A Áustria e a Polónia são alguns exemplos. Recolhi aqui um som do líder do partido popular da Áustria Sebastian Kurz que anunciou uma coligação com a extrema-direita, e que já avisou que vêm aí mudanças, nomeadamente na política de migração. Vamos ouvir:

Sebastian Kurz, líder do partido popular da Áustria
O meu objectivo é que não percamos tempo a nível europeu com discussões sobre a distribuição de refugiados, pois sabemos que isto não funciona. Nos últimos anos, discutiu-se este assunto em quase todas as reuniões de administração interna dos ministros dos negócios estrangeiros e dos líderes dos governos. Fizeram-se planos. E o resultado foi a relocalização de cerca de dois mil refugiados.

Victor, que leitura é que se pode fazer deste crescimento da extrema-direita europeia?
A extrema-direita, de facto, ganhou votos, ganhou votos na Áustria, ganhou votos na Polónia, ganhou votos na Alemanha.. com a Alternativa para a Alemanha pela primeira vez representada no Parlamento Federal Alemão. E ganhou votos certamente em França e noutros países europeus. Há neste momento um crescimento efectivo das posições de extrema-direita e das posições da direita muito conservadora, como é o caso da direita polaca, nos diferentes países europeus. Mas também é verdade que essa ascensão das posições de extrema-direita não levou a extrema-direita a ganhar nenhumas eleições e esse era o grande receio, com excepção deste novo fenómeno que é o fenómeno austríaco em que a coligação no poder é uma coligação que traz para o poder não só os conservadores austríacos, mas também um partido que tem muitos aspectos que fazem pensar até num certo neonazismo e isso evidentemente é preocupante, não tem sido muito falado. Se isto tivesse acontecido há 10 ou 15 anos ter-se-ia ouvido um alarido através de toda a Europa. Não tem sido muito falado, porque neste momento a extrema-direita pesa mais dentro das opiniões públicas europeias e não há tanta vontade de fazer esse tipo de alarido, mas a verdade é que é preciso denunciar o tipo de governo que foi constituído em Viena.

A migração foi sem dúvida um dos grandes temas em debate este ano, e que passará certamente para 2018. Temos também as

negociações para o Brexit. O referendo aconteceu em 2016, 2017 foi reservado às negociações para a saída do Reino Unido da União Europeia. Que outros momentos marcaram então 2017?
Um outro acontecimento importante para além do Brexit e das migrações, que são dois temas que continuam na agenda e que são dois temas que podem criar grandes tensões no seio da Europa... Um outro grande tema é a divisão entre os países europeus, nomeadamente entre o Leste e o Oeste da Europa, entre aquilo que alguns chamariam a Velha União Europeia e a Nova União Europeia. Nós temos estado a assistir progressivamente - e nas últimas semanas isso notou-se de modo acentuado - a uma divisão entre os franceses, alemães, os belgas e todos os países tradicionalmente no centro da Europa, por um lado, contra os países novos aderentes à Europa como a Polónia, como, por exemplo, a Hungria, República Checa, etc, e esta divisão Leste-Oeste é uma divisão que tem tendência a agravar-se e é uma divisão que pode pôr em causa, digamos assim, a harmonia das posições europeias, e nomeadamente em relação ao Brexit, pode ser que os britânicos tentem explorar essa divisão entre as duas partes da Europa para conseguir alguns aliados junto dos países do Leste e o facto de Theresa May ter visitado a Polónia na semana passada já foi em certa medida uma tentativa de retirar a Polónia do bloco único e de pôr a Polónia numa posição mais favorável em relação ao Reino Unido.

E como passa Portugal para 2018? Este ano voltámos a viver os incêndios e a debater o apoio internacional, que tarda a chegar. Temos também alguns momentos positivos – a questão de Mário Centeno, que foi eleito para o Eurogrupo? Que balanço em geral é que se pode fazer da situação geral de Portugal em 2017?
Eu penso que Portugal termina o ano 2017 numa nota muito positiva. Portugal recuperou a confiança dos mercados. Portugal neste momento é visto como tendo uma economia em crescimento e uma economia promissora. As taxas de juro das obrigações do tesouro português são neste momento bastante baixas em relação àquilo que eram tradicionalmente, aliás, estão muito próximo das taxas italianas e muito distantes, por exemplo, das taxas gregas. Ou seja, os mercados consideram que neste momento Portugal deixou de ser um risco importante em termos de investimento. Do ponto de vista político eu também penso que sim, a eleição de Mário Centeno para o Eurogrupo é uma prova da confiança política no governo português e no funcionamento das instituições portuguesas e também o facto de que outros portugueses importantes, nomeadamente António Guterres, aparecer à frente das Nações Unidas, tudo isso contribui para uma imagem extremamente positiva do nosso país... Apesar de muitas dificuldades. E as dificuldades tiveram que ver com os incêndios,

que é um problema que continua por resolver, as dificuldades que tiveram a ver com o desemprego dos jovens, que também é um problema a resolver. Mas também tem a ver com as alterações climáticas e o facto de que em Portugal, neste momento, se está a atravessar um período de seca prolongada e isso vai ter muito impacto sobre a gestão da água em Portugal e essa é uma das questões que continua a estar ausente do debate político, ou seja, será necessário, certamente em 2018 falar mais em Portugal sobre o impacto das alterações climáticas e também sobre a questão da gestão das águas em Portugal. Nós vamos ter problemas muito sérios no futuro se não começarmos já a tratar dessa questão.

Estivemos com Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa. Este foi o último programa de 2017. Despedimo-nos agora, Voltamos para a semana. Bom Ano Novo!

(ficha técnica)

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.